



## TERRITÓRIO E TORCIDA: ENTRE TONS E SONS NA IDENTIDADE DA NAÇÃO RUBRO-NEGRA

Cláudia Nandi Formentin\*  
Jussara Bittencourt de Sá\*\*

**Resumo:** Ao estudar as manifestações culturais observamos o futebol como instigante objeto/lugar para a pesquisa sobre o território e a constituição do povo. Nesse contexto, o artigo ora proposto tem como objetivo norteador, analisar a construção do imaginário do território e do povo em discursos relacionados ao Clube de Regatas Flamengo. Especificamente, procuramos identificar a presença de território nos objetos analisados e verificar a presença da identidade do torcedor enquanto parte de uma nação nos referidos objetos. Como objetos de pesquisa foram definidos textos dos blogs de Arthur Muhleberg, torcedor do Flamengo e de Rica Perrone, não torcedor do Flamengo; e a música Saudades do Galinho, de Moraes Moreira. A análise se deu a partir do referencial teórico formado por autores como: Michel Maffesoli (2007) no tocante ao imaginário, Benedict Anderson (2008), Stuart Hall (2006, 2011), Eric Hobsbawm (2008) na abordagem sobre identidade e nação.

**Palavras-chave:** Nação. Torcida. Território. Identidade. Clube de Regatas Flamengo.

**Abstract:** Studying the cultural manifestations we considered soccer as a stimulating object to a research about territory and constitution of people. In this context, the proposed article has a main objective that is to analyze the construction of the imaginary in both, territory and people into discourses associated to Clube de Regatas Flamengo. Specifically, we wanted to identify the presence of territory in analyzed objects and verify if there is a fan's identity presence while part of a nation of referred objects. The objects of this research were texts from blogs of Arthur Muhleberg, a Flamengo's fan, and Rica Perrone, a Flamengo's non-fan; and the music Saudades do Galinho, of Moraes Moreira. The analysis theoretical references came from the following authors: Michel Maffesoli (2007) about the imaginary, Benedict Anderson (2008), Stuart Hall (2006, 2011) and Eric Hobsbawm (2008) about identity and nation.

**Keywords ou Palabras clave:** Nation. Crowd. Territory. identity. Clube de Regatas Flamengo.

\*Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul,  
Tubarão, SC, Brasil.  
Docente na Faculdade SATC, na Faculdade de  
Tecnologia SENAC e na Unisul  
E-mail: formentinnandi.claudia@gmail.com

\*\* Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul,  
Tubarão, SC, Brasil  
Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências  
da Linguagem, Unisul.  
Doutora em Literatura / Letras, pela Universidade  
Federal de Santa Catarina - UFSC.  
E-mail: jussara.sa@unisul.br  
DOI: 10.19177/memorare.v4e3-I201723-37



REVISTA  
MEMORARE

UNISUL  
www.portaldeperiodicos.unisul.br  
ISSN 2358-0593

## 1. Introdução

Este texto é um desdobramento das pesquisas feitas no Grupo de Estudo Identidades, Migrações e Representações a partir das possíveis relações existentes entre linguagem, estética e os diferentes processos culturais observados na sociedade. Dentre os diferentes temas, ao estudarmos as manifestações culturais, o futebol provocou nossa atenção. Isso porque o futebol encontra-se entre as principais manifestações culturais do mundo podendo-se afirmar, como apresenta Giulianotti (2002, p. 7), que há o “[...] reconhecimento da atração global do jogo”. O autor indica que a popularidade desse esporte está no fato de que “[...] as características valorizadas no jogo nos dizem algo fundamental sobre as culturas em que ele é praticado”. É nesse contexto, que se percebe a possibilidade de o futebol se constituir em um vasto e interessante lugar de investigação. (GIULIANOTTI, 2002, p. 8). Entendemos, então, que poderíamos observá-lo como instigante objeto/lugar para a pesquisa sobre o território e a constituição do povo. A ideia de território evidencia-se ao estabelecermos a relação com as seleções nacionais. No entanto, cabe a reflexão de como se dá essa relação quando se trata dos clubes de futebol. De acordo com dados divulgados pela CBF – Confederação Brasileira de Futebol –, o Brasil possui 783 clubes profissionais. Destes, cem disputam o Campeonato Brasileiro que é dividido em séries A, B, C e D<sup>1</sup>. Nesse contexto o Clube de Regatas Flamengo possuía em 2008 17% <sup>2</sup> da preferência dos torcedores em pesquisa realizada pelo Datafolha em 390 municípios de 25 estados, confirmando assim o título de maior torcida no Brasil. São mais de 30 milhões de torcedores que, usualmente se auto-denominam ‘nação rubro-negra. Nesse contexto, o questionamento sobre como se daria a construção do imaginário do território e do povo em discursos relacionados ao Clube de Regatas Flamengo ensejava-se de nossos estudos.

Tal indagação justificava-se, principalmente, pela percepção da maneira como a torcida do Flamengo se apresenta nos estádios em que joga o time rubro-negro. Essa característica se fez presente, indiretamente, em algumas reflexões no texto de

<sup>1</sup> Vinte clubes disputam a série A, vinte disputam a série B, vinte a série C e 40 a série D.

<sup>2</sup> Segundo Mansur e Ribeiro (2009) os times que seguem o rubro-negro são: Corinthians (12%), São Paulo (8%), Palmeiras (6%), Vasco (6%), Grêmio (4%), Cruzeiro (3%), Internacional (3%), Atlético Mineiro (2%) e Botafogo (2%).

Muhlenberg (2013). Neste, depois de parabenizar a referida torcida, afirma que “Ainda não inventaram, e nem vão inventar, nada melhor do que nós mesmos”. ou de Rica Perrone (2013 -1) que explica que o Flamengo tem a “Única torcida do planeta que paga ingresso por 2 espetáculos. Um no campo, como todas elas, e outro que ela mesmo proporciona. O flamenguista vai ao Maracanã pra [sic] curtir o time, o jogo, o clima e a própria torcida. É único”. Em grande parte, essa peculiaridade caracteriza-se pela musicalidade. Por sua vez, os cantos entoados pela torcida, especialmente, a que vai aos estádios, carregam consigo discursos que tratam da relação da torcida com o clube.

Neste sentido, esta pesquisa visa analisar a construção do imaginário do território e do povo em discursos relacionados ao Clube de Regatas Flamengo. Especificamente, procuramos identificar a presença de território nos objetos analisados, e verificar a presença do torcedor enquanto parte de uma nação nos referidos objetos.

Como objetos de pesquisa foram definidos os textos dos blogs de Arthur Muhlenberg, torcedor do Flamengo e de Rica Perrone, não torcedor do Flamengo; e a música Saudades do Galinho, de Moraes Moreira.

A análise ancora-se no referencial teórico formado por autores como: Maffesoli (2007) no tocante ao imaginário, Anderson (2008), Hall, e suas obras *A identidade cultural na pós- modernidade* (2006) e *Da Diáspora* (2011) e em Hobsbawm (2008) em sua abordagem sobre nação.

Esta é uma pesquisa qualitativa, direcionando-se, conforme Minayo (1994, p. 22), para “[...] a investigação dos significados das relações humanas, em que suas ações são influenciadas pelas emoções e/ou sentimentos aflorados diante das situações vivenciadas no dia-a-dia”. O percurso metodológico contemplou a seleção do referencial bibliográfico para a construção do escopo teórico e a busca pelas materialidades a serem analisadas. A Análise de Conteúdo foi a técnica utilizada para a análise dos dados. Nesta, observando as categorias: Torcida e Território, procuramos as “[...] inferências confiáveis de dados e informações com respeito a determinado contexto, a partir dos discursos escritos ou orais de seus atores e/ou autores” (MARTINS; THEÓPHILO, 2009, p. 98). Para efeito deste trabalho destacou-se dois possíveis usos desta técnica, conforme o indicado por Martins e Theóphilo (2009): 1) a descoberta de estilos de comunicação e 2) a comparação de mensagens, níveis e meios

de comunicação. Tais questões são possíveis caminhos para a análise do material que aqui será apresentado.

## 2. Nação

Na introdução da obra *Comunidades Imaginadas*, Benedict Anderson (2008, p. 32) define nação como sendo uma “comunidade política imaginada”. Ao explicar tal afirmação, Anderson lembra que se pode considerar imaginada tendo em vista que “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32). No entanto esses membros, completa o autor, devem ter ao mesmo tempo, coisas em comum, bem como devem ter esquecido muitas coisas. Isso se dá por meio de artifícios próprios de cada cultura como veículos de comunicação de massa, músicas, literatura etc. e os discursos por eles propagados. Na referida obra, Anderson apresenta questões que contribuem para que os membros dessa comunidade tenham entre si o sentimento de pertencimento. Para o autor, hinos e canções têm papel relevante à medida que “se sabemos que, além de nós, há outras pessoas cantando essas canções exatamente no mesmo momento e da mesma maneira, não temos idéia [sic] de quem podem ser, ou até onde estão cantando, se fora ou não do alcance do ouvido” (ANDERSON, 2008, p. 204). Quando os membros da comunidade compreendem que, além dele, há um outro que também canta, percebe-se a existência do compartilhamento. Nesse sentido, pode-se afirmar que membros de uma mesma comunidade compartilham certos discursos e, dessa maneira, acabam por compartilhar também sentimentos, fatos e pensamentos.

Outro ponto a ser destacado pelo autor é a questão do limite, das fronteiras de uma nação. De acordo com Anderson (2008, p. 33), por maior que seja a extensão de uma nação, ainda assim “possui fronteiras finitas, ainda que elásticas”, o que indicaria que as fronteiras de uma nação são formadas não apenas por suas linhas geográficas, mas também por caminhos que passam pelo discurso e pelo compartilhamento de tais discursos. Para Maia (2006, p. 15), o fato de que a “[...] conversação cívica extrai insumos tanto de noticiários e programas de natureza informativa quanto daqueles de entretenimento e ficção que colocam em cena experiências, conflitos e lutas concretas

de indivíduos e grupos na sociedade”. Esses pontos, apresentados por Maia, apontam para a afirmação de Anderson (2008) de que uma nação pode ser considerada uma comunidade imaginada. De acordo com este autor a nação é uma comunidade imaginada pois, “independente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008, p. 34).

Maffesoli (2007) também coloca que é pela comunicação que os signos e referências da contemporaneidade são ‘colados’, permitindo que os indivíduos estejam unidos, fazendo com que as referências cariocas se destaquem em todo o território brasileiro. Entre tais referências, apresenta-se o Flamengo. Dessa maneira, o que era apenas um elemento da vida carioca passa a fazer parte de um território maior. Hobsbawm (2008) apresenta esta, como sendo uma das habilidades da comunicação de massa. Habilidade essa fundamental para a expansão das fronteiras. Para o autor, mais importante que a propaganda deliberada é a capacidade de “[...] transformar o que, de fato, eram símbolos nacionais em parte da vida de qualquer indivíduo e, a partir daí, romper as divisões entre as esferas privada e local, nas quais a maioria dos cidadãos normalmente vivia, para as esferas públicas e nacional” (HOBBSAWM, 2008, p. 170).

Nessa perspectiva, observamos que Hall (2006, p. 59) destaca que não importa, “[...] quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca identificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. É nesse sentido que Sá (2010) ao estudar as questões da nação brasileira apresentadas no teatro constata que, se a nação é “imaginada” isso se dá ao longo do tempo, ou seja, é historicamente construído. Isso significa que “carrega, em si, a possibilidade da diferença” (SÁ, 2010, p. 178). Assim, tanto Hall quanto Sá não descartam a ideia de que uma nação é composta por grupos que diferem entre si, no entanto, ao pertencerem a uma comunidade imaginada, há um esquecimento da diferença, evidenciando certa homogeneização.

### 3. Torcida e território

Na primeira década do século XX, junto com a conquista do campeonato carioca de 1914, começavam a aparecer os grandes nomes do futebol do Clube de Regatas Flamengo. Jogadores como Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Zagallo, entre os mais antigos, Bebeto, Júnior, Andrade, Petkovic e Zico, mais recentemente, são apenas alguns dos grandes ídolos do clube que é “[...] o time carioca que mais venceu Brasileiros, o time de maior torcida no Rio e no Brasil, o único carioca campeão do mundo, o único jamais rebaixado” (MANSUR; RIBEIRO, 2009, p. 22). Tantas conquistas fizeram com que o rubro-negro chegasse a 2008 com 17%<sup>3</sup> da preferência nacional em pesquisa realizada pelo Datafolha em 390 municípios de 25 estados. São aproximadamente 30 milhões de torcedores. Nas palavras de Pereira (2010, p. 157), “[...] há mais torcedores do Flamengo do que cidadãos venezuelanos, peruanos, romenos, moçambicanos, australianos, nigerianos, angolanos, (...) uruguaios ou neozelandeses”.

O Flamengo tem, em números absolutos, mais torcedores fora do que dentro do estado do Rio de Janeiro<sup>4</sup>. O Flamengo é, nas palavras de Perrone (2013), “[...] o time mais inexplicável do planeta terra, sem dúvida. Não ganhava o principal título nacional desde 1992. Lá se foram mais de 17 anos e a torcida diminuiu? Não, aumentou. Segundo pesquisa, a maior entre as crianças do país”.

Moraes Moreira faz referência a esse grupo de torcedores mirins ao trazer na música ‘Saudades do Galinho’ versos (“Como é que ficam os meninos, essa nova geração?/ Arquibaldo, geraldinos,/como é que fica o povão?”) que demonstram a preocupação com a formação de novos torcedores que não terão mais a oportunidade de ver Zico atuar nos gramados.

Na mesma música são utilizadas três expressões que dialogam com a quantidade de torcedores: 1) Arquibaldos, 2) Geraldinos e 3) povão. Nos estádios, divididos em arquibancada e geral, esta torcida ocupa todos os espaços. Arquibaldos e Geraldinos fazem referência a esses dois espaços dos estádios (arquibancada e geral), em especial

<sup>3</sup> Segundo Mansur e Ribeiro (2009) os times que seguem o rubro-negro são: Corinthians (12%), São Paulo (8%), Palmeiras (6%), Vasco (6%), Grêmio (4%), Cruzeiro (3%), Internacional (3%), Atlético Mineiro (2%) e Botafogo (2%).

<sup>4</sup> Dentro do estado de origem o time também não tenha predomínio. Segundo pesquisa do Ibope realizada em 2008 na região metropolitana do Rio de Janeiro o número de torcedores chegou a 58%.



ao estádio do Maracanã, anterior a 1995. Tais expressões eram utilizadas em uma coluna do Jornal dos Sports, assinada pelo jornalista Washinton Rodrigues, também conhecido como Apolinho e, que, na década de 1980 foi técnico do Flamengo.

Os geraldinos são os frequentadores da geral, conhecidos pela irreverência; arquibaldos são os frequentadores das arquibancadas que se distinguem dos frequentadores da geral, por serem mais comportados. De certa maneira, ao fazer referência a tais grupos, tanto a música quanto o jornalista, apresentam a heterogeneidade da torcida rubro-negra, não sendo apresentadas como oponentes, mas como complementares já que a saída de um jogador (Zico) deixou a torcida, que frequentava os dois ambientes, entristecidas. Essas duas expressões conversam, na referida música, como ‘povão’ à medida que o superlativo de povo se refere à massa populacional, muitas vezes com poder aquisitivo mais baixo, que pode, portanto, estar representada na geral, pelos geraldinos, mas não se fazem fisicamente presentes no estádio, estão em outros lugares geograficamente distintos. Esses três termos apontam para a união da torcida rubro-negra, especialmente a que se reúne no Maracanã. Nesse sentido, independentemente da posição ocupada no estádio pelo torcedor, este compartilha de um mesmo sentimento: a falta. Este torcedor sente-se órfão da presença de Zico.

Moraes Moreira, nas primeiras estrofes da mesma música, apresenta o Maracanã como um território rubro-negro: “E agora como é que eu fico/ nas tardes de domingo/ Sem Zico no Maracanã”. Essa apropriação do território é possível de ser percebida na medida em que o compositor, por meio do eu lírico, revela-se torcedor do Flamengo, fazendo referência ao jogador Zico e ao Flamengo. Há, assim, o indicativo de que não apenas o compositor frequenta o referido lugar, mas também todos os que lá estão por causa do Flamengo, seja nas arquibancadas ou na geral. Verifica-se aqui a relação apresentada por Maia (2006, p. 15) de que a “[...] conversação cívica extrai insumos tanto de noticiários e programas de natureza informativa quanto daqueles de entretenimento e ficção que colocam em cena experiências, conflitos e lutas concretas de indivíduos e grupos na sociedade”.

Assim, nesses versos, observa-se que os diálogos cívicos da torcida do Flamengo não se dão apenas da maneira mais formal (como no hino oficial ou mesmo na matéria de jornal), mas também na música. Nestes, reverbera-se o pedido para que o ídolo Zico



não vá destacando ainda lutas travadas com os adversários. O estádio do Maracanã é o lugar onde os jogos acontecem, onde os sentimentos são compartilhados pelos membros da comunidade. Esse compartilhamento fica na memória também a partir de materiais como a música.

As reverberações, os ecos de outros tempos apresentados na música, contribuem para a formação da comunidade imaginada apresentada por Anderson (2008, p. 24) na medida em que “se sabemos que, além de nós, há outras pessoas cantando essas canções exatamente no mesmo momento e da mesma maneira, não temos ideia [sic] de quem podem ser, ou até onde estão cantando, se fora ou não do alcance do ouvido”. Pode-se observar também que a canção apresentada não é apenas a música que é cantada que une as pessoas, presentes ou não no estádio. Ela representa também o sentimento de tristeza que se refere à saída de um dos jogadores mais importantes do clube.

Para que Moraes Moreira conseguisse representar a tristeza da torcida de modo a homogeneizar um grupo tão heterogêneo deve-se levar em consideração a importância dos veículos de comunicação para a formação da comunidade imaginada, como afirma Anderson (2008). A população que estava fora dos limites da cidade e do estado do Rio de Janeiro tinha acesso aos jogos de futebol por meio do rádio. Por sua vez, as emissoras que chegavam mais longe no território brasileiro eram as cariocas.

Contemporaneamente entende-se a importância dos veículos de comunicação para causarem uma reorganização dos processos de aprendizagem, de conversação cívica e de mobilização social. A grande quantidade de imagens e informações sobre conflitos, culturas e modos de vida passou a ser acessada cada vez com mais frequência e intensidade com o advento da tecnologia de satélite. Nesse sentido, além da ideia de Maia (2006, p. 15) de que “é em noticiários e programas de natureza variada que saem os elementos cívicos, volta-se ao que Hall aponta como uma das formas de se contar uma narrativa nacional é pela literatura, mídia e cultura popular. Estas, segundo o autor (2006, p. 52) “fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências compartilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido a nação”.

Assim, cabe lembrar que Maffesoli (2007) apresenta a comunicação como fator importante para a união dos indivíduos a partir do pensamento de que é ela, a comunicação, que traz signos e referências que são colocados juntos e reforçam um



campo comum para aqueles que pertencem a determinada comunidade. Destaca-se, nesse sentido, as referências cariocas, em especial o Flamengo, que acabam se destacando em todo o território brasileiro. Hobsbawm (2008) afirma que a comunicação acaba por inserir na vida cotidiana dos indivíduos os símbolos nacionais.

Todos esses contextos trazidos pelos autores supracitados podem ser vistos no *post* escrito por Muhlenberg (2011), quando da morte do ex-Vice Presidente da República, e flamenguista, José Alencar. Muhlenberg (2011) dedicou um de seus posts ao “grande rubro-negro José Alencar” que:

Ainda menino, ouviu Ary Barroso contar que Valido subiu mais alto do que Argemiro e marcou o gol do primeiro tricampeonato. Corria o ano de 1944 e José Alencar já era irreversivelmente Flamengo, lá nas Minas Gerais, onde o vermelho e preto eram imaginados através das ondas de rádio.

Como toda uma geração de brasileiros distantes da capital do país, José Alencar era um rubro-negro de ouvido. Encantou-se pelas histórias que Domingos da Guia, Biguá, Modesto Bria, Zizinho, Silvio Pirilo e Vevé escreveram com os pés.

[...] José Alencar testemunhou os atos de paixão e bravura de Índio, Henrique, Evaristo, Almir, Doval, Reyes, Rondinelli, todos os mundialistas e ainda Ronaldo Angelim.

José Alencar é um rubro-negro que ouviu o gol de Valido e viu o gol de Angelim.

Nessa perspectiva, observamos que Hall (2006, p. 53) destaca que a essência da identidade nacional está nas “origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade”. Elementos que são apresentados pelo autor como imutáveis, podendo, por vezes, estar adormecidos, mas sempre prontos a serem acordados. Aqui também se mostra a solidariedade imaginada apresentada por Anderson e sua relação com a imprensa. O emissor, aqui Muhlenberg, define-se e também define a coletividade ao tratar de José de Alencar, não por apresentar características próprias deste, mas por serem essas características também da coletividade à qual José de Alencar, tal como Muhlenberg, pertencem. No trecho analisado também aparece sinalizada a importância dos veículos de comunicação de massa para a construção de uma comunidade imaginada ao longo da vida de José Alencar. Sublinha-se ainda que, por serem veículos distintos, há a utilização de mais de uma forma de linguagem. Nesse sentido, além da linguagem verbal do rádio, a não verbal, a imagem da TV se faz presente na formação de uma comunidade imaginada.



Conforme apresenta Hall (2006) os membros de uma nação formam um grupo heterogêneo no que tange sua origem. É a cultura que os forma que irá identificá-los dentro de uma mesma identidade cultural. Por meio da homenagem feita a José de Alencar, Muhlenberg estabelece o elo com os diferentes membros da torcida à qual o próprio Alencar fazia parte. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que esse trecho e a música de Moraes Moreira, apresentada anteriormente, reiterariam a ideia de Anderson (2008) de que a nação sempre se efetiva a partir de uma “camaradagem” por parte de seus membros. Isso faz com que não se desconsidere a desigualdade que possa existir entre os participantes, mas torna homogênea tais desigualdades, ao menos no que toca o sentimento de pertencimento da comunidade imaginada apresentada.

Mas, se em seu início, o rádio era o grande veículo propagador das vitórias rubro-negras, atualmente, são os diversos meios de comunicação responsáveis por transmitir tal discurso. Rica Perrone (2013), ao falar em seu blog, do dia do flamenguista (28 de outubro) trata do jornal e indica que:

Hoje, como sempre, líder ou fora da briga, a capa dos jornais terá o tal do Flamengo. [...]. Qualquer um fica irritado em ganhar títulos [sic] e mais títulos [sic] e ver que a capa do jornal não muda de foto. É sempre a do Flamengo. Qualquer um se incomoda em saber que títulos e dividas [sic] menores não conseguem sobrepor a importância [sic] de um clube que tem sua grandeza baseada em nada atual e concreto.

Com torcedores espalhados em vários lugares, em agosto de 2008, a diretoria do rubro-negro carioca oficializou as chamadas Embaixadas da Nação. A iniciativa, afirma Pereira (2010, p. 49), procura aproximar o clube dos milhões de torcedores que vivem fora do Rio de Janeiro e “[...] cujo contacto (sic) físico com a instituição é quase nulo”. O autor explica que “são cerca de 120 movimentos de torcedores, espalhados por todo o Brasil, que de forma espontânea se juntam para assistirem a jogos do Flamengo ou para participarem de alguma forma na vida do clube”.

Logo, o que se percebe é que, da mesma maneira que as embaixadas dos países permitem aos seus cidadãos se sentirem jurídicos e territorialmente mais próximos de sua terra natal, as embaixadas flamenguistas espalhadas pelo território brasileiro dão também a ideia de extensão territorial do clube, que tem sede na Gávea. Os enunciados que são apresentados sobre a torcida (em seu tamanho, mas também quanto ao

sentimento de pertencimento dos indivíduos para com a torcida) evidenciam o que Hobsbawm (2008, p. 18) apresenta como parte do conceito de nação ao indicar que esta é constituída de “[...] qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação”. A nação imaginada, conforme as reflexões de Hobsbawm (2008) e de Anderson (2008), além do hino, também receberia contribuição de outras canções, bem como jogadores que marcaram a história do clube.

Assim como a Gávea, sede oficial, o Estádio do Maracanã também pode aparecer como território rubro-negro, mesmo não sendo o Flamengo proprietário do referido estádio. Pode-se afirmar que o Maracanã, o Flamengo e a torcida parecem uma verdadeira sinonímia em que templo, religião e fiéis instauram uma espécie de santíssima trindade rubro-negra. Não sendo poucas as vezes em que o Maracanã, pertencente ao estado do Rio de Janeiro, aparece em músicas e demais formas textuais, como palco desse time e dessa torcida. Nesse sentido, tal observação encontra respaldo na ideia de Anderson (2008) de que as fronteiras são finitas mesmo que elásticas e que tal elasticidade pode ser conseguida por meio dos veículos de comunicação de massa conforme coloca Hobsbawm (2008). Tais afirmações ganham ainda mais força quando compreendemos que tal demarcação pode aparecer de maneira discursiva propagada de diferentes maneiras em diferentes meios de comunicação, como afirma Maia (2006). Percebe-se pelos elementos encontrados nas várias formas textuais aqui analisadas que se trata de um território discursivo.

Tais materialidades remetem às reflexões de Coutinho (2013) sobre o fato de que o futebol não apenas vive dos jogos que as seleções de cada país fazem. O esporte, diz o autor (2013, p. 22-23), “[...] não deixa de ser assistido durante esses longos períodos de ausência da equipe brasileira. Por isso, os clubes de futebol acabam sendo mais vivenciados pelos torcedores do que a própria seleção”. O que se apresenta ao longo do cotejamento das materialidades analisadas é que a reunião de torcedores pode se dar para o apoio de clubes que jogam a milhares de quilômetros de onde eles se localizam. Esta distância foi minimizada com 1) os veículos de comunicação; e 2) com as embaixadas. Isso permitiu que o clube tivesse uma torcida espalhada em todo o território nacional.

Tal referência também é uma constante no Blog do Torcedor. Na publicação de 27 de setembro de 2009, Muhlenberg (2009, p. 66) reclama do estádio do Beira Rio, em



Porto Alegre, em que o Flamengo foi jogar contra o Internacional. Para ele, durante o jogo, o time carioca provou ser:

o legítimo campeão de terra e mar. À prova d'água e à prova de estádios precários no interior do país, impróprios para sediar um campeonato profissional. Que vergonha, os malucos meridionais enchem a boca pra dizer que têm estádio (...) e esse estádio não tem sequer um campo em condições de jogo?

Para Muhlenberg (2009, p. 66), “[...] só existe um estádio de nível internacional no país – é o Maracanã, casa do Flamengo, o único com torcida capaz de ocupá-lo o ano inteiro”.

Stuart Hall (2011) aponta a recusa dos elementos culturais de se enquadrarem perfeitamente em fronteiras nacionais estabelecidas. Com o futebol, como em outras manifestações da cultura, isso também acontece. Dessa forma, há a transgressão dos limites impostos politicamente de maneira rígida. O autor trata de fronteiras impostas pelos Estados-nação. Em uma primeira leitura do Flamengo, é possível imaginar que isso também aconteceria de forma que ele devesse se manter ligado, exclusivamente ao Rio de Janeiro. No entanto, o futebol, como parte do escopo cultural, não se mantém estanque nessa fronteira imposta, ela se ‘espalha’, especialmente por meio de discursos que são propagados. Ao mesmo tempo em que se pode perceber essa propagação territorial, há também a relação com o território. O sentimento de pertença a tal território também se dá pelas diversas relações discursivas analisadas neste trabalho.

Nesse sentido, identifica-se no Estádio do Maracanã esta relação Flamengo – território. A música “Saudades do Galinho”, citada anteriormente, apresenta também a questão territorial. Apesar de transcender as fronteiras da cidade, do estado e do país de origem, é possível identificar um pertencimento territorial do clube, ou pelo menos, é nesse território que seus torcedores parecem mais se sentirem em casa: o Maracanã. Sobre esse estádio, é comum ouvir na mídia a expressão ‘templo do futebol’. A mística aparece completa, na música em questão, ao citar Zico e o Maracanã.

Pouco antes de as embaixadas serem oficializadas, em 10 de outubro de 2007, a camisa 12 do Flamengo foi ‘aposentada’. O pedido veio, segundo Pereira, de um torcedor (Reginaldo Beltrano Carreira Chaves), que escreveu uma carta ao então presidente do clube, Márcio Braga, em que apontava doze razões que indicavam a merecida homenagem ao torcedor. Conforme conta Pereira, “Márcio Braga aceitou a



imortalizar a camisa 12 e a torná-la exclusiva da nação rubro-negra”. O encontro entre os diversos discursos que se formam em torno da torcida flamenguista e o ato de ‘vestir’ a torcida com a camisa 12 formam novas fronteiras em que novas vozes sociais se encontram. Nesse contexto se encontra o que Perrone também apresenta sobre a torcida rubro-negra:

Entrar num Maracanã lotado e olhar pra aquela torcida é algo que apenas eles sabem o que é, o que significa e o quanto importa.  
“Torcida não ganha jogo”, dizem.  
“Só se for a sua”, eles dirão.

O “Só se for a sua” parece justificar, logo, a camisa 12 dedicada à torcida. É estabelecido, dessa maneira, um diálogo entre o fato de a torcida ter uma camisa própria, que por sua vez estabelece uma relação com o número de jogadores que entram em campo (11) e, desta, fazer parte, nas quatro linhas, do jogo. Os torcedores, assim, passaram a fazer parte oficialmente do time. De certa forma, foi como se a diretoria do clube tornasse esse torcedor, que já se considerava parte de uma nação, cidadão oficial. Todos esses elementos apontam para a proposta de Maffesoli que propõe uma estética, um código que determina a forma como se está com o outro.

Observa-se que o costume é o que não foi dito e é este, justamente, o fundamento do estar-junto, conforme aponta o teórico francês, a composição de uma arquibancada se forma a partir de acordos tácitos entre seus integrantes. Constitui uma estética coletiva sedimentada a partir de costumes e discursos que, de certa forma, fazem parte do imaginário coletivo de todas aquelas pessoas que constituem a nação rubro-negra.

#### 4. Considerações Finais

Em nossa pesquisa, observamos como os elementos apontados e os objetos investigados contribuem para construção do imaginário do território e do povo, ou seja, para a formação do imaginário e também para a formação da comunidade imaginada.

A linguagem permite a representação do imaginário. Para tanto, procuramos destacar o Maracanã como território rubro-negro. Observamos como o Maracanã configura-se como local do espetáculo ao fazer o torcedor se sentir parte dele, mesmo

não estando fisicamente no referido estádio. Se é em território brasileiro ou italiano que se dá o encontro de seus cidadãos, onde o melhor e o pior vêm à tona e para onde o cidadão que se encontra em outro território se reporta, é no Maracanã em que tudo isso acontece para o flamenguista. O Maracanã, assim, é o território imagético do Flamengo, do torcedor rubro-negro. Para os que se distanciam desses dois locais, Maracanã e Gávea, são instaladas as embaixadas que aproximam o território dos que estão longe.

Observou-se a construção do território em que todos os membros podem se sentir contagiados pela reverberação dos sentimentos na representação nos versos estudados. Tal como no imaginário de uma nação, a música aponta para um território que dá o caráter homogêneo entre seus membros que, como apresentado ao longo do artigo, são oriundos de diversos extratos sociais.

Estudar a linguagem e a cultura a partir deste objeto/lugar faz-se instigante à medida que se torna possível verificar o amplo campo em que podem ser aplicados conceitos, como o de território. Este olhar é estimulado também pela possibilidade de tornar perceptível o futebol como um elemento cultural, que pode ser visto como um recorte da sociedade em que está inserido.

## Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior: O Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933 – 1955)**. 2013. 196 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HOBBSAWM, Eric J.A. **Nações e nacionalismo desde 1780**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- MAIA, Rousiley. **Mídia e vida pública: modos de abordagem**. In: MAIA, Rousiley.
- CASTRO, Maria Céres Pimenta Spíndola (orgs.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 11 – 46. p. 15.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. São Paulo: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MANSUR, Carlos Eduardo. RIBEIRO, Luciano Cordeiro. **Meu maior prazer**: histórias de uma paixão. Belo Horizonte: Leitura, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MUHLENBERG, Arthur. **Da lama ao tri**. 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2013/12/01/da-lama-ao-tri/>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **Uma bandeira para José Alencar**. 2011. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2011/03/29/uma-bandeira-para-jose-de-alencar/>. Acesso em: 10 dez. 2013.

PEREIRA, Luís Miguel. **Bíblia do Flamengo**. São Paulo: Almedina, 2010.

PERRONE, Rica. **Religião**. 2013 - 1. Disponível em: <<http://www.ricaperrone.com.br/religiao/>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **O dia do flamenguista**. 2013. Disponível em: <<http://www.ricaperrone.com.br/o-dia-do-flamenguista/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.  
SÁ, Jussara, Bittencourt de. **Nação em cena**: Brasil, teatro, século XIX. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

**Submetido em: 10/10/2017. Aprovado em: 11/11/2017**